



## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA CRIANÇAS COM TDAH

Ingrid Rayane Neves Silva – UNEB – Campus XII

Kayala Oliveira Souza – UNEB – Campus XII

### Resumo

O presente trabalho visa apresentar os resultados do levantamento bibliográfico realizado com objetivo de investigar as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas em sala de aula por professores do Ensino Fundamental para crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). O TDAH é um transtorno neurobiológico que afeta diretamente os âmbitos educacionais, sociais e profissionais do aluno, apresentando sintomas como hiperatividade, impulsividade e falta de atenção que dificultam o aprendizado acarretando rótulos que não correspondem a situação real do estudante, além do acúmulo de déficits de aprendizagem. Práticas inclusivas já se mostraram promissoras para o desenvolvimento dos alunos com TDAH. O projeto centraliza as práticas construídas e aplicadas por professores em sala, visando analisar os desafios encontrados por estes para a inclusão dos alunos com TDAH em sala de aula, com o objetivo do desenvolvimento educacional, profissional e social.

**Palavras-chave:** TDAH. Práticas Inclusivas. Ensino Fundamental. Educação Inclusiva.

### INTRODUÇÃO

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) compreende o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como um distúrbio do neurodesenvolvimento, que são condições neurológicas que aparecem precocemente na infância, geralmente antes da idade escolar, e prejudicam o desenvolvimento do funcionamento pessoal, social, acadêmico e/ou profissional (APA, 2014).

Segundo a ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção, no ambiente escolar, esses sinais têm sido frequentemente confundidos, rotulando as crianças como bagunceiras sem interesse nos estudos, o que causa conflitos em sala de aula. O problema permanece, interferindo no aprendizado, uma vez que a falta de atenção dificulta o processo de assimilação dos conteúdos, acumulando deficiências de aprendizagem conforme o tempo (Brasil, 2024).



O objetivo deste trabalho é discutir os resultados preliminares, realizado por meio de um levantamento bibliográfico acerca do assunto para um Projeto de Pesquisa que irá se desenvolver em uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa que será feita com os professores da Rede de Ensino Municipal do Município de Guanambi–BA.

## OBJETIVO(S)

Analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças diagnosticadas com TDAH a partir nas narrativas dos/as professores/as, discutindo sobre o que apontam os documentos legais acerca do tema e possíveis desafios enfrentados para a inclusão destes alunos em sala de aula.

## METODOLOGIA

O material apresentado neste texto se refere aos resultados de uma revisão bibliográfica sobre as produções textuais envolvendo o tema. Utilizando a pesquisa qualitativa bibliográfica, os bancos de dados escolhidos foram o Google Acadêmico e o SciELO, outros foram devidamente consultados, entretanto, devido à delimitação temporal e desvios consideráveis do tema, foram previamente descartados.

Utilizando os descritores “TDAH”, “práticas inclusivas”, “ensino fundamental”, obtivemos cerca de 2.118 resultados, que foram filtrados com base em um limite temporal de 10 anos. Também foram excluídas as produções voltadas apenas para o Transtorno do Espectro Autista e a Educação Infantil, resultando em 12 produções.

Os textos foram lidos na íntegra para análise, foi identificado semelhanças entre os estudos, incluindo a legislação equivalente, as dificuldades enfrentadas pelos alunos diagnosticados com TDAH e outros transtornos de aprendizagem. Entretanto, as práticas



inclusivas para crianças com TDAH é um assunto pouco falando, sendo necessário material complementar para uma ampla compreensão.

## RESULTADOS/DISCUSSÃO

A teoria científica defende que no TDAH existe uma disfunção da neurotransmissão dopaminérgica na área frontal (pré-frontal, frontal motora, giro cíngulo); regiões subcorticais (estriado, tálamo médio dorsal) e a região límbica cerebral (núcleo acumbens, amígdala e hipocampo) (Couto; De Melo-Junior; De Araújo Gomes, 2010).

Barkley (2006) afirma que há 3 tipos: Desatenção Predominante, Hiperatividade/impulsividade predominante e o Combinado. Normalmente se apresenta antes dos 4 anos, com pico entre os 8 aos 10 anos. Crianças costumam apresentar desatenção, impulsividade e hiperatividade, acarretando déficits de aprendizagem, uma vez que a falta de atenção e a impulsividade lhes façam perder detalhes.

Por se tratar de um transtorno com sinais “invisíveis” é comum o preconceito em diversos âmbitos, como o escolar, pessoal e profissional, que por muito tempo dificultou a obtenção de auxílio para lidar com o transtorno. Em 2021, a Lei nº 14.254, que trata do acompanhamento integral para educandos, foi aprovada. No entanto, é perceptível o desconhecimento sobre o transtorno e sua interferência na vida do aluno em sala de aula, além de ser uma lei relativamente recente, o que dificulta a inserção auxiliares em sala de aula.

O TDAH não é uma deficiência, e sim uma disfunção que pode ser tratada e medicada, de modo que o aluno consiga se tornar um sujeito capaz e funcional. Todavia, a inclusão e permanência destes em sala de aula é fundamental para sua socialização, junto a adaptação de acordo as suas necessidades que garantam a sua aprendizagem, de modo a evitar prejuízos futuros.



Nesse cenário, as práticas inclusivas se fazem necessárias, por se tratar de medidas educativas cujo objetivo é a inserção e inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem, elaborando estratégias em conjunto com os membros do corpo docente e familiares para suprir as necessidades educacionais desses alunos. As práticas pedagógicas inclusivas são constituídas por decisões e ações que visam possibilitar o processo de aprendizagem, estando presentes em intervenções didáticas, avaliações e conteúdo programado. Esse processo é e deve ser feito em conjunto com professores, coordenadores, gestores e familiares, construído de forma gradual, promovendo a equidade em sala de aula (Albuquerque, 2021).

As práticas pedagógicas inclusivas até então utilizadas são variadas, a começar pelas Salas de Recursos Multifuncionais ou Atendimento Educacional Especializado (AEE), cuja função é identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que considerem as necessidades dos estudantes, visando a participação plena destes (Paganelli, 2018). Ocorre em turnos opostos, com acompanhamento profissional.

Outra estratégia levada as salas de aula é o Sistema de Suporte Multicamadas (SSM), que inicialmente tinha como foco os estudantes identificados como risco de fracasso escolar, mas passou a ser concebido como um serviço contínuo de apoio a todos os alunos. A colaboração entre membros do corpo docente é algo indispensável, nesse contexto, o ensino colaborativo configura-se como um serviço de apoio entre dois professores, do ensino especial e do ensino comum na elaboração de estratégias pedagógicas e a gestão da sala de aula (Mendes, 2023).

Ademais, as práticas inclusivas desenvolvidas pelos professores se tratam de estratégias, como a recolocação em carteiras mais próximas à lousa, sentar-se longe de distrações, adaptar e dividir atividades, utilizar suportes complementares, como papel, computadores e calculadoras, fazer uso de anotações, adotar rotinas e calendários.

As práticas referidas, mostraram-se eficientes quando bem utilizadas em sala de aula (Franciosi da Silva, et al. 2020), auxiliando o estudante com TDAH a minimizar os prejuízos causados pela disfunção. Infelizmente, a construção precária destas práticas os inutiliza em





último caso. Como referido, é um processo gradual a ser feito em conjunto com o corpo docente, funcionários e familiares, devido à sobrecarga para o professor quando este trabalha sozinho.

## CONCLUSÕES

Apesar das dificuldades encontradas para se pôr em prática, principalmente devido à falta de verba e formação continuada necessária, as práticas inclusivas têm um grande potencial para o desenvolvimento de crianças com deficiências e disfunções diversas.

Para alunos com TDAH, o resultado é mais significativo, uma vez que é uma disfunção que, se tratada corretamente, aumenta o desenvolvimento do aluno, diminuindo drasticamente os prejuízos causados pelo acúmulo de déficits de aprendizagem, proporcionando um aprendizado sem quaisquer prejuízos.

## REFERÊNCIAS

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **O que é o TDAH.** s/d. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah>. Acesso em: 02 de maio 2024.

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **Direitos Nacionais e Internacionais.** s/d. Disponível em: <https://tdah.org.br/legislacao/>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **AJUSTES, ADAPTAÇÕES E INTERVENÇÕES BÁSICAS PARA ALUNOS COM TDAH.** s/d. Disponível em: <https://tdah.org.br/ajustes-adaptacoes-e-intervencoes-basicas-para-alunos-com-tdah/>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

ALBUQUERQUE, Ednea Rodrigues de. **PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA: PROBLEMATIZANDO AS ADAPTAÇÕES CURRICULARES PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA. Educação Especial como direito: público, gratuito, laica e de gestão democrática e qualidade socialmente referenciada**, Vitória–ES, 28 fev. 2021. VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva / Comunicação Oral - Eixo 2 Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas.

APA: (2014). \*DSM-V-TR. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais\* (5. ed.). Porto Alegre: Artmed.

25 a 27  
setembro  
2024



POR UMA  
UNIVERSIDADE  
PÚBLICA,  
DIVERSA E  
INCLUSIVA

BRASIL Lei n.º 14.254, de 30 de novembro de 2021. Diário Oficial da União, publicado em: 01/12/2021, Edição: 225, Seção: 1, 2021. Disponível: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou//lei-n-14.254-de-30-de-novembro-de-2021-363377461>>. Acesso em: 03 de maio de 2024.

BARKLEY, R. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: manual para avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2006

COUTO, Taciana de Souza; DE MELO-JUNIOR, Mario Ribeiro; DE ARAUJO GOMES, Cláudia Roberta. **Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão**. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 241-251, abr. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212010000100019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000100019&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 25 jun. 2024.

FRANCIOSI da Silva, G., SILVA, L. da, ROCHA, A. de Souza, SCHMIDT, K. C., & DIAS, M. (2020). **A prática de assessoria no AEE: mudanças no processo de aprendizagem nos alunos com TDAH**. Revista Diálogos E Perspectivas Em Educação Especial, 7(2), 33–48. <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2020.v7n2.p33>.

MENDES, Eniceia Gonçalves. **Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialistas às abordagens universalistas**. 1. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2023. 184 p. ISBN 9786554560436.

PAGANELLI, Raquel. O que fazer quando não há atendimento educacional especializado (AEE) na escola?. In: O que fazer quando não há atendimento educacional especializado (AEE) na escola?. [S. l.], 15 jun. 2018. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/o-que-fazer-quando-nao-ha-atendimento-educacional-especializado-ae-na-escola/>. Acesso em: 27 maio 2024.